



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

Departamento de Comunicação

Clipping

Veículo: G1

Editoria: Rio Grande do Sul

Local/Abrangência: Nacional

Link/Página: <https://glo.bo/2qjO0NB>

Estudante gaúcha recebe prêmio Jovem Cientista com projeto de plástico biodegradável

Juliana Davoglio Estradioto ficou em 1º lugar na categoria Ensino Médio. Estudante do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), em Osório, desenvolveu um filme plástico biodegradável a partir da casca do maracujá. Professor gaúcho também foi premiado.

Por Gabriela Clemente, G1 RS



Prêmio Jovem Cientista anuncia vencedores

Quando começou o curso técnico em Administração no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), em Osório, no litoral norte do estado, a estudante Juliana Estradioto, de 18 anos, não imaginava receber prêmios e reconhecimento em uma área completamente diferente: a da ciência.

Mas nesta terça-feira (30), ela foi a ganhadora do reconhecido prêmio Jovem Cientista, promovido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na categoria Ensino Médio. A gaúcha desbancou adversários de todo o Brasil com o seu primeiro projeto de pesquisa. “Nunca esperava. Parece mentira todo esse reconhecimento que estou recebendo. É uma honra, e além disso mostra quanto o esforço vale a pena”, diz.

A estudante desenvolveu um filme plástico biodegradável a partir da casca do maracujá. Ele substitui as embalagens comuns de mudas de plantas, que geram alta quantidade de resíduos na agricultura. “Quando se retira o plástico convencional, muitas vezes acaba danificando a raiz da muda”, explica.



Embalagem criada com a casca do maracujá pode ser plantada com a muda e se decompõe rapidamente. — Foto: Arquivo pessoal

O plástico criado por ela reduz a poluição causada pelos sacos plásticos convencionais, se decompõe em 20 dias e não precisa ser retirado no momento do plantio. E ele foi criado a partir de um produto natural, a casca do maracujá.

“Na cidade onde eu moro tem produção de maracujá, e eu percebi que as cascas da fruta são descartadas no meio ambiente. Com elas eu consegui produzir essa embalagem biodegradável para a muda”, conta. “Assim, ela não precisa ser retirada na hora da plantação e se decompõe rapidamente.”

O projeto foi desenvolvido durante 12 meses. “Entrei em contato com uma ciência que eu não conhecia. Abriu meus horizontes e me apaixonei completamente pela área. Vi que os jovens do ensino médio também podem propor soluções para problemas de suas regiões”, diz.

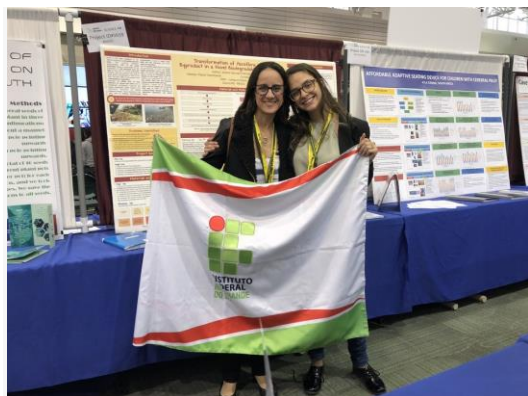


Juliana Estradioto criou uma embalagem biodegradável com a casca do maracujá. — Foto: Arquivo pessoal

Com o mesmo projeto, Juliana ganhou diversos outros prêmios. Entre eles o Agência USP de Inovação na 15ª Febrace e a medalha de ouro no Genius Olympiad 2018, na Universidade Estadual de Nova York.

O projeto não tem relação com as disciplinas estudadas no currículo do técnico.

Juliana o desenvolveu de forma extraclasse, por dedicação e interesse no assunto. Ao final do curso técnico em administração, Juliana já tem em mente seus próximos passos: uma graduação em Engenharia Química com bolsa do CNPq. E os projetos científicos não param. Ela trabalha em outras duas ideias com o mesmo propósito: o reaproveitamento de resíduos. “A gente gera tanto lixo que muitas vezes nem nos damos conta que eles tem potencial, e acabam sendo desperdiçados”, finaliza.



A professora orientadora Flávia Twardowski e Juliana na Genius Olympiad, em Nova York. — Foto: Arquivo pessoal

Professor gaúcho também é premiado

Outro gaúcho foi premiado no Jovem Cientista, mas na categoria Mestre e Doutor. O professor Gelson Weschenfelder ficou com o 3º lugar pelo projeto de pesquisa que envolve as histórias em quadrinhos na educação de crianças de escolas da periferia. “Foi uma baita surpresa ser premiado. Me inscrevi por insistência de amigos e realmente não esperava”, destaca.

O projeto de Gelson foi a tese do doutorado, feita em 3 anos de pesquisa. “Fizemos um mapeamento e criamos alguns conceitos e intervenções, que foram realizadas em escolas de periferia da cidade de Canoas”, conta. O estudo investigou a percepção dos leitores de histórias em quadrinhos sobre os riscos psicossociais dos super-heróis como recurso inspirador e gerador de resiliência.

Agora o professor trabalha em um projeto de pós-doutorado para incentivar que outros educadores criem suas intervenções usando as histórias em quadrinhos.

Recentemente, o G1 falou sobre o **uso das HQ's em sala de aula**.



Professor gaúcho também foi premiado no Jovem Cientista. — Foto: Arquivo pessoal

O Prêmio Jovem Cientista é uma iniciativa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e visa revelar talentos na área científica, além de impulsionar a pesquisa no Brasil, investindo em estudantes e jovens pesquisadores que procuram inovar na solução dos desafios da sociedade.